



O Pequeno Homem em *Assim Falou Zaratustra*: A Domesticação Do Animal-Homem

Newton Pereira Amusquivar Júnior¹

Resumo: A figura do pequeno homem é central no capítulo *Da virtude que apequena* e, mesmo em todo o livro *Assim falou Zaratustra*, desempenha um importante papel na crítica de Nietzsche à domesticação, ao homem e à moral. O objetivo deste estudo é analisar o pequeno homem nessa obra em duas abordagens. Na primeira abordagem, através de uma leitura de *Assim falou Zaratustra*, pretende-se investigar como o pequeno homem está presente no contexto dessa obra e qual é a função que ele desempenha ao se relacionar com outros conceitos fundamentais como os últimos homens, o além-do-homem e o eterno retorno. Em uma segunda abordagem, através de uma análise do capítulo *Da virtude que apequena*, no qual Zaratustra fala que as virtudes do pequeno homem visam domesticar a animalidade do homem, o objetivo consiste em demonstrar, na domesticação do pequeno homem, uma crítica à moral e ao humanismo. Ao mesmo tempo, essa crítica abre espaço para repensar a animalidade por meio da superação do homem e da moralidade, através da noção de além-do-homem, que contém uma fidelidade à terra e ao corporal e implica em curar e restabelecer a animalidade do homem.

Palavras-chave: Pequeno Homem. Assim Falou Zaratustra. Animalidade. Além-do-Homem.

Abstract: The figure of the small human being is central to the chapter *On the Virtue That Makes Smaller*, and even throughout the entire book *Thus Spoke Zarathustra*, it plays an important role in Nietzsche's critique of domestication, humans, and morality. The purpose of this study is to analyse the small human being in this work, using two approaches. In the first approach, by means of a contextualised reading of *Thus Spoke Zarathustra*, the aim is to investigate how the small human being is present in the context of this work and what role they play in their relation with other key concepts such as the last humans, the overhuman and the eternal recurrence. In a second approach, by means of an analysis of the chapter *On the Virtue That Makes Smaller*, in which Zarathustra says that the virtues of the small human being aim to domesticate the animality of human beings, the purpose is to demonstrate, in the domestication of the small human being, a critique of morality and humanism. At the same time, this criticism opens up space to rethink animality by overcoming human beings and morality, through the notion of overhuman, which contains a fidelity to the earth and the corporeal and implies healing and restoring the animality of human beings.

Keywords: Small Human Being. Thus Spoke Zarathustra. Animality. Overhuman.

¹ Doutor em filosofia pela UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas), atualmente realiza estágio de pesquisa de pós-doc na UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) com financiamento da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), processo 2022/03434-0, à qual agradeço o apoio da instituição.

INTRODUÇÃO: ZARATUSTRA E OS HOMENS

Há uma grandiosidade filosófica e literária em *Assim falou Zaratustra* de Friedrich Nietzsche, pois nessa obra está presente o desenvolvimento de diversos conceitos centrais da sua filosofia como o além-do-homem (*Übermensch*), a vontade de poder e o eterno retorno. Esses conceitos marcam o começo da filosofia madura do filósofo alemão e, ao mesmo tempo, contém personagens, figuras e representações cênicas. Por conta disso, essa obra é também difícil de abordar, dado que não há uma exposição sistemática como normalmente se encontra em outros livros filosóficos. Entre essas diversas figuras poéticas e filosóficas do livro, a imagem do pequeno homem desempenha uma função importante na crítica de Nietzsche ao homem moderno e seus ideais, entre os quais se destaca o ideal da moral cristã e o próprio humanismo. Pretendo desenvolver e aprofundar neste estudo uma análise do pequeno homem em *Assim falou Zaratustra* e suas consequências na crítica de Nietzsche à moral e ao humanismo, principalmente por meio da noção de domesticação.

Para realizar essa análise sobre o pequeno homem, é relevante notar, de maneira introdutória, como os homens são abordados em *Assim falou Zaratustra*. Desde o início da obra, há uma relação ambígua entre Zaratustra e os homens. Nietzsche deixa isso claro, já nas primeiras linhas do livro, ao mencionar que Zaratustra abandonou sua pátria para viver dez anos de solidão, mas, depois desse período, reconhece que está farto de sua sabedoria e quer doá-la e distribuí-la até que “os sábios entre os homens voltem a se alegrar de sua tolice e os pobres, de sua riqueza” (NIETZSCHE, 2011, p. 11). Assim, Zaratustra saiu de sua solidão e vai até o mercado da cidade mais próxima, onde anuncia o além-do-homem, mas esta ideia não é bem recebida: o povo do mercado se irrita, caçoa dele e dá pouca atenção a esse discurso. Como reação, Zaratustra aborda os últimos homens como forma de criticar o homem moderno, mas o povo do mercado admira os últimos homens, em vez de notar a decadência que há neles. Depois desse desastroso encontro com os homens dessa cidade, Zaratustra conclui que não deve falar para o povo, mas deve conquistar companheiros (*Idem*, p. 23). É justamente isso que ocorre no desenvolvimento da primeira parte de *Assim falou Zaratustra*: aos poucos o protagonista da obra começa a ter seguidores e discípulos, de tal forma que, no final dessa parte, diante desses homens que o seguiam, ele decide retornar para sua solidão e diz: “agora prossigo só, meus discípulos! Ide vós também agora, sozinhos!” (*Idem*, p. 75).

Zaratustra se afasta novamente dos homens e fica em sua solidão por muitos anos até que, através da interpretação de um pesadelo, conclui que seu ensinamento está em perigo: “perderam-se para mim os amigos; chegou a hora de buscar os meus perdidos” (*Idem*, p. 79). Assim, no começo da segunda parte da obra, Zaratustra retorna aos homens para encontrar seus antigos discípulos e conversar com novas pessoas, principalmente os sábios, mas, no final dessa parte, Zaratustra novamente anuncia que retornará para a sua solidão: em uma interpretação do sonho, ele conclui que ainda não está maduro para seus frutos. A terceira parte de *Assim falou Zaratustra* retrata o caminho percorrido por ele até a sua solidão. É nesse contexto que Zaratustra se encontra com os pequenos homens e, em *O convalescente*, fala sobre o eterno retorno e o pequeno homem com seus animais quando já está em sua solidão.

A quarta parte dessa obra é muito diferente das outras partes. Primeiramente, pelo fato de ela ter sido escrita apenas para as pessoas mais próximas de Nietzsche e não para o público geral, mas também, no seu enredo, a relação de Zaratustra e os homens é diferente. Ele encontra e convida as pessoas, que depois serão designadas como homens superiores, para subir até a sua morada, ao invés de ficar embaixo entre os homens; então, o espaço de solidão se transforma em um espaço de companhia.

Nota-se, assim, que Zaratustra precisa, ao mesmo tempo, estar em sua solidão e entre os homens, o que é contraditório. Para atender a essa demanda oposta, a obra intercala entre momentos de solidão e momentos de companhia. Zaratustra nutriu sua sabedoria por meio da solidão, mas ele também precisa compartilhar essa sabedoria com os homens, o que o faz sair da sua solidão. Portanto, há, ao mesmo tempo, um desprezo e uma esperança entre os homens, mas essa esperança consiste em superar o homem, enquanto o desprezo está na formação de um rebanho de homens totalmente domesticados. É por meio dessa ambiguidade que os pequenos homens aparecem como objeto de desprezo. No entanto, para que isso seja compreendido, é preciso desenvolver conceitos dessa obra como além-do-homem, últimos homens, homem superior e eterno retorno. Na primeira parte deste estudo serão desenvolvidos brevemente esses conceitos e a relação com os pequenos homens e, na segunda parte, será analisada a crítica à domesticação do animal-homem, presente no conceito de pequenos homens no capítulo *Da virtude que apequena*.

1 O PEQUENO HOMEM EM ASSIM FALOU ZARATUSTRA:

A expressão “pequeno homem” aparece pela primeira vez em *Assim falou Zaratustra* na terceira parte, mais precisamente, no importante capítulo intitulado *O convalescente*, relacionado com a doença que Zaratustra precisa superar diante do eterno retorno. Entretanto, a caracterização do pequeno homem não ocorre nesse capítulo, mas sim em passagens anteriores, principalmente em *Da virtude que apequena*, mas também em *Da redenção*. O pequeno homem tem uma função nessa obra: criticar os homens modernos que Zaratustra encontra no caminho para casa. Pode-se notar, em diversos conceitos nietzschianos, essa distinção entre grande e pequeno, como a grande política e a pequena política, a grande saúde e a pequena saúde. Aqui, com o homem pequeno não é diferente: o pequeno se relaciona com a decadência e a diminuição da força de vida. Porém, essa utilização do adjetivo “pequeno” será melhor compreendida se, primeiramente, for investigado o substantivo a que ele se refere, a saber, o homem. Como observei na introdução, há uma ambiguidade entre Zaratustra e os homens, e isso se reflete em outros conceitos utilizados na obra como o além-do-homem, os últimos homens e os homens superiores. Esses conceitos sobre o homem estão presentes em outras partes da obra, de tal forma que é possível interpretar que todo o livro aborda o problema do homem.

No começo da obra, quando Zaratustra saiu de sua solidão e encontra os homens no mercado da cidade, é anunciado o além-do-homem: “*Eu vos ensino o além-do-homem*. O

homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?”² (*Idem*, p. 13). O que significa superar o homem? Não se trata de uma eugenia ou uma nova espécie biologicamente evoluída, mas da superação do homem formado pela civilização ocidental. Trata-se de um tipo de homem que surge desde a antiguidade com o platonismo, se desenvolve com o cristianismo e chega ao humanismo e ao homem moderno. Esse tipo de homem está relacionado com a metafísica e também, posteriormente, com a ciência. Zaratustra continua o seu discurso: “o além-do-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o além-do-homem *seja* o sentido da terra! Eu vos imploro, irmãos, *permaneço fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras” (*Idem*, p. 14). No lugar de um sentido suprassensível para a existência, o além-do-homem oferece um novo sentido relacionado com a terra, isto é, com o sensível, o corpo e a vida. Portanto, a concepção de além-do-homem contém uma crítica ao homem como produto e consequência da metafísica. Em Nietzsche, a morte de Deus não significa simplesmente a negação de uma ideia filosófica, mas de toda a construção moral e política derivada da ideia de Deus cristão. No lugar de uma valorização do suprassensível, Zaratustra pede para buscar um sentido para a terra: “uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores. Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra!” (*Idem, ibidem*). Com o além-do-homem, Zaratustra pretende criticar aspectos religiosos, morais, metafísicos e culturais presentes no homem cristão e moderno, e, ao mesmo tempo, abrir os horizontes para um futuro em que esse tipo de homem é superado.

Há muitas figuras em *Assim falou Zaratustra* que caracterizam o homem que precisa ser superado, uma delas é o pequeno homem, mas no prólogo também aparece outra figura: os últimos homens. A pequenez já está presente nas primeiras representações dos últimos homens: “a terra se tornou pequena, então, e nela saltita o último homem, que tudo apegue-na” (*Idem*, p. 18). Os últimos homens se orgulham de terem inventado a felicidade, trabalham por distração e não são ricos e nem pobres entre si, todos são iguais: “nenhum pastor e um só rebanho! Cada um quer o mesmo, cada um é igual: quem sente de outro modo vai voluntariamente para o hospício” (*Idem*, p. 19). Há muitas interpretações interessantes sobre os últimos homens. Lampert (1986, p. 24) observa que Zaratustra articula o último homem com o ideal moderno, enquanto Giacoia (1999) interpreta nos últimos homens a capacidade de utilizar a técnica moderna com o propósito de formar um poderio humano ilimitado sobre a natureza e criar a ilusão da conquista da felicidade.

É correto afirmar que os últimos homens e o pequeno homem são a mesma coisa? Há muitas semelhanças entre essas duas figuras de homens, de tal forma que é muito comum realizar uma associação entre os dois, tal como por exemplo faz Peter Sloterdijk (2000, p. 39). Entretanto, há uma diferença específica entre os últimos homens e o pequeno homem que, apesar de toda semelhança conceitual, acarreta uma função diferente no contexto e desenvolvimento de *Assim falou Zaratustra*. Os últimos homens são uma projeção que Zaratustra

2 Todas citações terão mudança ligeira na tradução em relação ao termo técnico, pois optei por traduzir *Übermensch* por além-do-homem e não por super-homem, como opta o tradutor Paulo César de Souza.

faz do futuro em que o apequenamento do homem chegou até as suas últimas consequências, enquanto os pequenos homens não são figuras criadas nos discursos de Zaratustra, mas sim homens de fato encontrados por ele. De certa forma, o pequeno homem revela que a humanidade está a caminho de serem todos os últimos homens. Assim, enquanto o além-do-homem está em oposição aos últimos homens no prólogo de *Assim falou Zaratustra*, pode-se afirmar que, na quarta parte da obra, a oposição aos pequenos homens são os homens superiores, pois se os primeiros têm a vida administrada segundo uma moral de rebanho, os últimos se elevam acima dessa moralidade, apontando para a superação da moral e contendo o futuro da humanidade (NIETZSCHE, 2011, p. 278). Embora eles ainda não tenham atingido o além-do-homem e tenham uma plebe ocultada neles (*Idem*, p. 268), permanecem, de alguma forma, na sombra de Deus.

Mesmo sendo uma diferença ínfima entre os pequenos homens e os últimos homens, há, com isso, uma consequência na função que essa figura de homem desempenha em *Assim falou Zaratustra*. O fato do pequeno homem existir faz Zaratustra se apavorar diante do eterno retorno, pois se tudo retorna e se desenrola na mesma sequência do que já ocorreu, então também o pequeno homem precisa retornar. Em *O convalescente*, quando Zaratustra volta para sua caverna, o grande fastio que ele sente diante do eterno retorno é indicado pelo eterno retorno do pequeno homem: “eternamente ele retorna, o homem de que estás cansado, o pequeno homem’ - assim bocejava minha tristeza, e arrastava os pés e não podia adormecer. (...) ‘Ah, o homem retorna eternamente! O pequeno homem retorna eternamente” (*Idem*, p. 210). Se o pequeno homem fosse uma figura de homem apenas projetada, como é o último homem, então não haveria essa problemática com o eterno retorno. No entanto, a existência do pequeno homem é dada como um fato: não é possível mudar o fato do pequeno homem existir. Afirmar o eterno retorno do pequeno homem gera uma grande doença em Zaratustra, que precisa ser superada, pois afirmar o eterno retorno implica afirmar o pequeno homem.

Portanto, Nietzsche pretende com o pequeno homem criticar a cultura ocidental cristã presente na modernidade com todos os ideais democráticos e igualitários, tal como ocorre também com os últimos homens. Porém, se os últimos homens são uma criação do discurso de Zaratustra, o pequeno homem existe e, como consequência disso, ele é tomado como um problema para a convalescência de Zaratustra diante do eterno retorno.

2 A CARACTERIZAÇÃO DO PEQUENO HOMEM ATRAVÉS DA DOMESTICAÇÃO DO ANIMAL-HOMEM:

O capítulo *Da virtude que apequena* retrata o momento em que Zaratustra está retornando para sua solidão pela segunda vez, deixando para trás amigos, discípulos e sábios que estavam nas ilhas-das-boas-aventuranças. Quando Zaratustra chegou em terra firme, ele não foi direto a sua montanha e caverna, mas percorreu caminhos, fez perguntas e buscou

informações. O objetivo dele era “saber o que havia sucedido *com o ser humano* naquele meio-tempo: se este se tornara maior ou menor” (*Idem*, p. 159). No fundo, Zaratustra busca realizar um diagnóstico dos homens do seu tempo para saber as possibilidades de superação do homem. Diante dessa missão, Zaratustra nota uma fileira de casas novas, mas pequenas; de tal forma que pareciam ser para bonecas ou gatos, então ele diz: “*Tudo ficou menor! Em toda parte vejo portões mais baixos: quem é de minha espécie ainda passa por ele, mas - tem de se abaixar! Oh, quando estarei de volta a minha terra, onde não mais terei de me abaixar - de me abaixar diante dos pequenos!*” (*Idem*, p. 159). Como observa Lampert (1986, p. 182), Zaratustra vê evidências de que os homens ficaram menores, se aproximando ainda mais dos últimos homens. E, de fato, nos dois discursos que Zaratustra faz depois de ver esses pequenos homens, há muitas referências que já estavam presentes na figura dos últimos homens desenvolvida no prólogo.

O que significa que os homens se apequenaram? Peter Sloterdijk, no seu polêmico livro *Regras para o parque humano*, afirma: “quando Zaratustra atravessa a cidade na qual tudo ficou menor, ele se apercebe do resultado de uma política de criação até então próspera e indiscutível: os homens conseguiram (...) com ajuda de uma hábil combinação de ética e genética, criar-se a si mesmos para serem menores” (SLOTERDIJK, 2000, p. 40). Katharina Grätz (2024, p. 119) levanta a objeção contra essa interpretação alertando que esse capítulo não oferece um ponto de partida para a ideia de reprodução na forma biológica; no lugar disso, afirma que se trata de uma diminuição do homem. Embora não tenha de fato um problema da reprodução genética nessa passagem, é preciso destacar que Sloterdijk relaciona essa diminuição do homem através da noção de domesticação: “Eles próprios [os homens] se submeteram à domesticação e puseram em prática sobre si mesmos uma seleção direcionada para produzir uma sociabilidade à maneira de animais domésticos” (SLOTERDIJK, 2000, p. 40).

Esse aspecto da domesticação está mais evidente no primeiro discurso de Zaratustra deste capítulo, em que critica as virtudes desses pequenos homens: “eles procuram me morder, porque lhe falo que para pessoas pequenas são necessárias virtudes pequenas” (NIETZSCHE, 2011, p. 160). Assim, o apequenamento do homem é relacionado com a doutrina da felicidade e da virtude: “ando em meio a esse povo e mantenho os olhos abertos: eles ficaram *menores* e se tornaram cada vez menores: - *mas isto se deve à sua doutrina da felicidade e da virtude*” (*Idem*, p. 161). Nos últimos homens essa doutrina da felicidade e da virtude é citada, pois eles criaram a felicidade e contém os valores morais da modernidade. Essa virtude se relaciona com o desejo de não se ferir, de viver a vida na confortável autoconservação, de tal forma que a domesticação se torna moderação (LAMPERT, 1986, p. 183).

Assim, entre os pequenos homens não há autonomia: “alguns querem, mas a maioria é apenas objeto do querer” (NIETZSCHE, 2011, p. 161). Os autênticos são raros, enquanto a maioria é ator, mas sem saber disso. Entre eles falta a virilidade e pregam a virtude de serviência que permite um domínio sobre o rebanho: “eu sirvo, tu serves, nós servimos” - assim também reza, aqui, a hipocrisia dos dominantes - e que infelicidade, quando o primeiro senhor é

apenas o primeiro servidor” (*Idem, ibidem*). A doutrina da felicidade criticada por Nietzsche está relacionada à filosofia utilitarista, que propõe um edifício de felicidade na medida em que cada um é útil ao outro: “redondos, corretos e bondosos são eles uns com os outros, tal como grãos de areia são redondos, corretos e bondosos uns com os outros” (*Idem, ibidem*). Zaratustra considera que os pequenos homens abraçam a pequena felicidade chamada de “resignação”, em que eles apenas querem que não lhes façam mal, mas isso é covardia e não virtude. Isso se deve ao fato de os pequenos homens retratarem uma concepção de virtude que inibe os instintos, e não uma afirmação da força ativa da vida. Por isso, os pequenos homens não agem rudemente, não utilizam punhos e nem força física. Em vez disso, são animais domesticados: “Para elas [as virtudes dos pequenos homens], virtude é o que torna modesto e manso: com ela transformaram o lobo em cão, e o próprio homem, no melhor animal doméstico do homem” (*Idem*, p. 162). Nota-se, nesta última citação, em que consiste a domesticação: transformar um animal selvagem (lobo) em um animal doméstico (cão). Uma domesticação pressupõe uma animalidade no qual se poderia moldar, adestrar e domesticar. Os instintos desse animal não estão liberados a agir por si mesmo e de maneira imediata e espontânea, mas agora eles são repreendidos e moldados segundo uma concepção moral que nega a vida e os princípios vitais. Essa moralidade inverte as relações de poder presente nos animais, pois agora a virtude e a felicidade não estão na força dos instintos imediatos e inconscientes, mas sim em uma domesticação que o homem realiza em si mesmo.

Essa domesticação é a base para a formação moral do homem na civilização ocidental, ou seja, na moral platônica-cristã que idealiza um tipo de homem manso e adestrado. É importante distinguir cultura e civilização em Nietzsche. Para Vanessa Lemm (2009, p. 10), esses dois termos se distinguem em Nietzsche na medida em que cultura é definida como cultivação, enquanto civilização é definida como domesticação. Se na cultura os instintos estão suspensos e internalizados, no processo de civilização os instintos são enfraquecidos e condenados através da domesticação. Patrick Wotling (2013, p.56) também distingue cultura e civilização, na medida que Nietzsche não compreende a distinção entre cultura e civilização pela oposição entre vida intelectual e o progresso material; a diferença entre cultura e civilização é apontada a partir de uma reflexão de laços genealógicos entre atividade fundamental da vontade de poder e os diversos tipos de culturas que ela produz, então civilização torna-se um caso específico da cultura. Nesse sentido, cultura se refere à abrangente tarefa de formar o homem, enquanto a civilização consiste em um tipo de cultura que torna essa formação uma domesticação. O cristianismo desempenha um papel importante na transformação da cultura em civilização, tornando o homem um animal domesticado, como afirma Nietzsche em *O anticristo*: “o cristianismo quer assenhorar-se de *animais de rapina*; seu método é torná-los *doentes* - o debilitamento é a receita cristã para a *domesticação*, a ‘civilização’” (Nietzsche, 2007, p. 27). Portanto, o cristianismo estabelece seu domínio através da domesticação ao tornar o homem um animal doente, o que começa com o processo de má-consciência em que os instintos são suspensos e internalizados, mas com o cristianismo isso se aprofunda, pois os instintos são também interpretados por meio da culpa e do ressentimento. A cultura como instrumento de domesticação do animal de rapina representa um retrocesso para a

humanidade, um apequenamento da animalidade do homem, de tal forma que seus instintos vitais são negados para os transformar em reação vingativa e ressentimento. Para Nietzsche, o processo civilizatório contém em si essa domesticação cristã, de tal forma que o humanismo também é uma prática de domesticação.

Qual é a relação dessa domesticação com o humanismo? Sloterdijk, no seu livro já citado, afirma que “(...)o humanismo não pode nem deve jamais considerar questões que ultrapassem essa domesticação e educação: o humanista assume o homem como dado de antemão e aplica-lhe então seus métodos de domesticação, treinamento e formação (...)” (SLOTERDIJK, 2000, p. 39). E, de fato, apesar do problema de o humanismo não ser citado nessa passagem de *Assim falou Zaratustra*, é possível afirmar uma relação entre humanismo e a domesticação do homem, pois é notável que uma concepção de humanismo, principalmente na modernidade, se relaciona com uma moralidade platônica e cristã, de tal forma que a crítica à moral de Nietzsche contém implicitamente uma crítica ao humanismo. Isso fica ainda mais evidente no prólogo de *Assim falou Zaratustra* que diz: “*eu vos ensino o além-do-homem*. O homem é algo que deve ser superado. O que fizestes para superá-lo?” (NIETZSCHE, 2011, p. 13). Se o além-do-homem implica uma superação do homem, então é possível interpretar esse conceito como uma superação do humanismo, pois no prólogo trata-se do homem domesticado pela moral de rebanho. Sloterdijk interpreta por meio dessa crítica à domesticação em Nietzsche, também uma crítica ao humanismo:

Dessa percepção se origina a peculiar crítica ao humanismo de Zaratustra, como rejeição da falsa inocuidade da qual se cerca o bom ser humano moderno. De fato, não seria inócuo que homens criassem homens com vistas à inocuidade. Nietzsche, com sua desconfiança contra toda a cultura humanista, insiste em arejar o mistério da domesticação do gênero humano e quer nomear explicitamente os que até agora detêm o monopólio de criação - os padres e professores, que se apresentam como amigos dos homens -, e que trazer à luz sua função oculta, desencadeando uma disputa inovadora, no âmbito da história mundial, entre os diferentes criadores e os diferentes projetos de criação. (SLOTERDIJK, 2000, p.40-41).

Nesse sentido, através da crítica de Nietzsche à moral é possível também interpretar uma crítica ao humanismo, pois ele coloca o problema sobre que tipo de vida queremos para o futuro: um homem domesticado como os pequenos homens e os últimos homens, ou uma superação das determinações humanistas, presente nas concepções de além-do-homem e de homem superior.

Essa crítica de Nietzsche ao humanismo, por meio dos homens pequenos, se relaciona com um pós-humanismo? Vanessa Lemm (2020) considera que a concepção de *homo natura*, presente em *Para além do bem e do mal*, e a antropologia filosófica de Nietzsche são variantes de um pós-humanismo biopolítico que afirma uma comunidade da vida entre

humanos, animais, plantas e outras formas de vida. Sendo assim, é possível interpretar um pós-humanismo na crítica de Nietzsche aos homens pequenos, pois uma superação do homem domesticado implicaria em um novo ser que tem uma outra relação com a natureza e com a sua própria animalidade, dado que domesticação implica em domínio sobre a natureza e o animal.

Por conta disso, a crítica aos homens pequenos e à domesticação faz refletir sobre o que nós, homens, estamos fazendo da nossa própria animalidade. Há uma grande possibilidade de formas de vidas e grandes potenciais de forças e instintos, mas o homem moderno apenas se domesticou segundo ideais cristãos e humanistas. Para superar os limites dados pela domesticação, Nietzsche aponta a concepção de além-do-homem. Se o que distingue o homem do animal é o processo de moralização, então uma superação da moral implica em uma mudança similar ao que o homem teve em relação aos animais. Entretanto, o além-do-homem permanece humano e, como consequência, também animal. O além-do-homem não é uma superação da animalidade, pois, para Nietzsche, o homem é ainda um animal e o que é colocado como objeto da superação através do além-do-homem é a moralidade e, como consequência, o homem domesticado e moralizado, e não a nossa animalidade.

O além-do-homem é um homem curado da domesticação e distante do rebanho dos pequenos homens. A fidelidade à terra anunciada por Zaratustra ao introduzir o além-do-homem faz refletir sobre a relação do homem com a natureza, assim como questiona a domesticação que o homem faz da sua própria animalidade. O pequeno homem ilustra o ser humano como um animal domesticado, com seus instintos reprimidos e dominados segundo uma moralidade. Nietzsche pretende em *Assim falou Zaratustra* superar esse tipo de homem, por meio de uma superação da moral e afirmação da vida, dos instintos e da própria animalidade, transformando o animal doméstico em um novo animal selvagem: o além-do-homem.

CONCLUSÃO

Como conclusão, é possível notar que o pequeno homem é uma figura de homem construída para criticar o homem moderno e sua doutrina da felicidade e virtude, sendo essa figura de homem muito próximo dos últimos homens. A única diferença entre os homens pequenos e últimos homens consiste que os primeiros são de fato encontrados por Zaratustra, enquanto os últimos são projeções de futuro do homem presentes no discurso de Zaratustra. Essa diferença implica em que o pequeno homem se torna um grande peso que Zaratustra precisa superar para incorporar o eterno retorno. A caracterização do pequeno homem está presente de maneira mais forte no capítulo *Da virtude que apequena*, no qual são apresentadas diversas críticas aos valores morais derivados do cristianismo, utilitarismo e outros ideais modernos, assim como ao humanismo e sua formação do homem por meio da domesticação. Para Nietzsche, o pequeno homem precisa ser superado por uma afirmação da vida, dos instintos e da nossa animalidade, o que poderia conduzir ao além-do-homem.

REFERÊNCIAS

- GIACOLA, Oswaldo. O último homem e a técnica moderna. *Natureza humana*, v. 1, n. 1, pp. 33-52, 1999.
- GRÄTZ, Katharina. *Nietzsche-Kommentar: Also Sprach Zarathustra I und II*. Berlin/Boston. Walter de Gruyter, 2024.
- LAMPERT, Laurence. *Nietzsche's Teaching: an interpretation of Thus Spoke Zarathustra*. New Haven and London, Yale University Press, 1986.
- LEMM, Vanessa. *Homo Natura: Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics*. Edinburgh, Edinburgh University Press, 2020.
- LEMM, Vanessa. *Nietzsche's animal philosophy: culture, politics, and the Animality of the human being*. New York, Fordham University Press, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo: maldição ao cristianismo*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. São Paulo, Estação Liberdade, 2000.
- WOTLING, Patrick. *Nietzsche e o problema da civilização*, São Paulo, Editora Barcarolla, 2013.

Artigo Submetido em 12/09/2025 e aprovado em 19/09/2025

Breves informações sobre o autor: É graduado em filosofia e sociologia na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde também realizou mestrado (defendido em 2015) e doutorado (defendido em 2019), com financiamento da Capes nas duas pesquisas. Em ambas as pesquisas foi estudado a relação da filosofia de Nietzsche com os pré-socráticos, em especial Heráclito e Anaximandro. Durante o doutorado, realizou estágio de pesquisa no exterior, na Universidade de Leipzig com o professor Christoph Türcke, em 2017. Desde 2023, realiza pós-doc na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) com o professor Henry Burnett e com o financiamento da FAPESP, abordando sobre a animalidade em Nietzsche. Entre 2024 e 2025 realizou estágio no exterior na Universidade de Greenwich com a professora Vanessa Lemm.

ORCID: 0000-0001-7211-9703

E-mail: newtonpa@gmail.com

Endereço: Rua Abel Luís Ferreira, 277, Jardim do Lago, Campinas-SP, CEP: 13050-023

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Renata Adrian Ribeiro Santos Ramos, Quésia Oliveira Olanda